

# PODER, CARISMA E RELAÇÕES DE GÊNERO NA COMUNIDADE EVANGÉLICA SARA NOSSA TERRA

Thiago Pereira Lima<sup>i</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado do trabalho de dissertação, em que realizo uma discussão sobre a dinâmica das relações de poder em um grupo neopentecostal, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra<sup>ii</sup>. O referido segmento possui lideranças carismáticas representativas no cenário religioso brasileiro: Robson Rodovalho e Lúcia Rodovalho, fundadores e presidentes da instituição. Parto da concepção de que a liderança exercida pelos bispos produz desdobramentos nas construções e relações de gênero.

A relação entre o bispo e a bispa e a relação destes com os fiéis dinamizam a produção de genderizações. Considero o gênero, na perspectiva de Scott (1994, p. 20), enquanto “um aspecto geral da organização social. E pode ser encontrado em muitos lugares, já que os significados da diferença sexual são invocados e disputados como parte de muitos tipos de luta pelo poder”.

A Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra é um espaço em que os seus rituais e as *células*<sup>iii</sup> funcionam como instâncias de reprodução de uma visão e representação religiosas específicas, e uma forma dos agentes religiosos lutarem pelo monopólio do exercício de legitimação da autoridade – no caso *bispos, bispas, pastores, pastoras, diáconos, diaconisas e líderes* – que pode se dar através da mobilização de vários elementos, entre eles, o *carisma*.

O escopo do artigo é compreender a posição dos bispos enquanto *agentes religiosos* e produtores dos *bens religiosos*, e perceber nisto como as hierarquias de gênero são construídas, legitimadas, contestadas e mantidas (Scott, 1994, p. 14). Objetivo compreender as relações entre o *carisma* e o *poder simbólico* dos bispos e os desdobramentos nas relações de gênero no grupo religioso em questão.

Como caminho metodológico, realizo entrevistas com membros representativos do grupo, observações, anotações de campo e etnografia dos rituais de uma das igrejas localizada na cidade de São Luís-MA.

## **2 BISPOS ROBSON RODOVALHO E LÚCIA RODOVALHO: Carisma, Poder Simbólico e Relações de Gênero**

Na perspectiva weberiana, a religião tem, além de um caráter subjetivo, importância e função social (WEBER, 1991). Weber (1991, p. 279) não estabelece uma definição sobre religião. Uma análise sociológica sobre a religião consistiria em:

Não é da essência da religião que nos ocuparemos, e sim das condições e efeitos de determinado tipo de ação comunitária cuja compreensão também aqui só pode ser alcançada a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos – a partir do “sentido” – uma vez que o discurso externo é extremamente multiforme. [...] A ação ou pensamento religioso ou “mágico” não pode ser apartado, portanto do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que seus próprios fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica.

Weber não estuda de forma naturalizada os fenômenos religiosos, porém propõe uma explicação sociológica ao buscar conexões racionais nos dogmas religiosos. Também, buscou os aspectos espirituais do agir social, a eficácia histórica das crenças religiosas e a relação entre as intenções dos agentes e o sentido histórico de suas ações. Em sua análise, a função da religião não é unicamente livrar os leigos da angústia e problemas existenciais, mas, sobretudo, fornecer justificativas sociais aos ocupantes de uma determinada posição na estrutura social (BOURDIEU, 2007a, p. 86).

A questão da *dominação* é um ponto fulcral na epistemologia weberiana e é construída enquanto uma categoria de análise. Para Weber (1991), as relações sociais se mantêm por conta da dominação e da produção da legitimidade desta. Toda dominação, interesse, ou vontade de obedecer, podem estar vinculados à obediência a alguém, seja por costume, por afeição ou por interesses materiais e ideais.

Todas as formas de dominação cultivam a crença em sua legitimidade e, dependendo da legitimidade, será garantido o exercício da dominação. O caráter legítimo da crença em um tipo de dominação deve naturalmente ser considerado apenas uma probabilidade, pois pode ocorrer que a obediência à orientação não seja necessariamente orientada por essa crença.

O poder e a dominação religiosa não indicam que haja algum benefício econômico para quem domina nessa esfera. A partir dessa análise, pode-se dialogar esta compreensão weberiana com Bourdieu (2005; 2007a) e Foucault (1981). Ambos ampliam o conceito de *poder*. O primeiro fala de um *poder simbólico* (BOURDIEU, 2005, p. 14 - 15) que se define “numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o

poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença”. Foucault (1981) afirma que o *poder* é mais denso e difuso que um conjunto de leis ou que um aparelho estatal, por isso circula em microespaços, microsociedades e microcosmos e permeia a vida real dos indivíduos, não estando relacionado somente com as questões econômicas ou os aparelhos de poder do Estado.

Para compreender como se exerce o caráter de dominação, Weber (1991) trabalha a concepção de *tipo ideal*, que serve como instrumento operativo. O *tipo ideal* é um recorte que é feito pelo pesquisador a partir da realidade empírica para fins de orientar teoricamente o estudo ou a explicação do objeto que se deseja estudar, faz parte da construção do objeto sociológico, tendo assim uma finalidade analítica, funcionando como uma convenção ou ponto de referência. O sociólogo, ao trabalhar com os *tipos ideais* (Weber, 1991), afirma que nenhum destes existe ou existiu historicamente em forma pura.

Weber (1991) afirma que existem os tipos puros ou ideais de dominação, que são três: a *dominação racional* ou *legal*, a *dominação tradicional* e a *dominação carismática*. Como *tipos ideais*, as formas de dominação são instrumentos metodológicos que posso acionar a fim de explicar um determinado contexto empírico.

Neste trabalho, opto por operacionalizar com a categoria *dominação carismática*, o tipo ideal que costuma atuar sobre os sistemas religiosos e por confluir, aspectos de caráter religioso e profético, o que foi observado na Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, principalmente entre aqueles que são nomeados *bispos*, *bispas*, *pastores*, *pastoras*, *diáconos*, *diaconisas* e *líderes*. A *dominação carismática* se processa quando há a obediência a um *líder* devido à força de sua personalidade.

A questão fundamental dessa relação de dominação, não é a qualidade em si, mas como ela é tida, avaliada e representada pelos carismaticamente dominados – os adeptos ou discípulos (WEBER, 1991). A partir da construção teórica de sua sociologia compreensiva, é possível a sua operacionalização em diversos objetos de análise das Ciências Sociais.

Nos estudos sobre grupos religiosos, por exemplo, esta perspectiva leva em consideração o sentido da ação dos sujeitos envolvidos na esfera religiosa e não as teologias ou revelações; também, torna-se importante compreender como se exerce o caráter de dominação.

A *dominação carismática* dos líderes religiosos, como pajés, sacerdotes, profetas, bispos, pastores, entre outros, se efetiva fundamentalmente no carisma. Prova desse fenômeno é o poder simbólico de muitos líderes carismáticos religiosos aos quais são outorgados títulos como *Santidade, Apóstolo, Apóstola, Bispo, Bispa, Papa, Sacerdote, Pastor e Missionário*.

Percebo que tanto o bispo Robson Rodovalho quanto a bispa Lúcia Rodovalho são dotados deste poder carismático. Na pesquisa de campo, percebi nos cultos a evocação constante aos dois presidentes do grupo, o bispo Robson Rodovalho e a bispa Lúcia Rodovalho. Existem várias formas dos bispos imporem seus valores, o que vai ter seus desdobramentos nas representações e na estrutura administrativa e burocrática do grupo religioso Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Suas interpretações são aceitas como legítimas pelos membros de suas centenas de congregações. Algumas crenças, como a *Quebra de Maldições*<sup>iv</sup>, *Cura Interior*<sup>v</sup> e a *Prosperidade* que se tornaram rotineiras no cotidiano do grupo, foram originadas na crença no poder do carisma dos bispos. Acredito que a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra expressa a institucionalização da concepção e do discurso dos bispos.

O carisma da *liderança* dos bispos é manifestado nos dotes sobrenaturais, revelações, oratória e ações sacerdotais (WEBER, 1997), ou seja, os *líderes* religiosos se revestem do carisma pessoal, uma força mobilizadora e organizadora, o que no sentido sociológico de Max Weber (1997, p. 159) é:

[...] uma qualidade pessoal considerada extraordinária e em virtude da qual se atribui a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobrehumanas, ou, pelo menos [...] é tomada como enviada, ou é tomada como exemplo, e, portanto como líder.

No entanto, é necessário analisar a construção do *carisma* em torno dos bispos, pois não está naturalizado no indivíduo, conforme afirmou Weber. O *carisma* – segundo Bourdieu (2007a, p. 90) – é produzido em transação direta com os leigos ou fiéis e que pelo *habitus* o grupo incorpora e o torna experiência comum. Bourdieu (2007a, p. 90) discute que na luta pelo exercício do poder religioso, os agentes ou instituições podem mobilizar força material ou simbólica, que são violentas, para conquistarem autoridade e força no decorrer da luta. Ou seja, a legitimidade religiosa é decorrente de lutas, pelo exercício legítimo da religião.

Para Geertz (2009, p. 184), que faz uma releitura do *carisma* em Max Weber, as figuras carismáticas surgem em qualquer parte da vida social desde que esta área esteja

em evidência e seja imprescindível. O autor afirma que o *carisma* é um elemento permanente na sociedade, e que não aparece “[...] apenas sob formas extravagantes ou em momentos passageiros, mas, ao contrário, é, ainda que inflamável, um aspecto permanente da vida social, que ocasionalmente, explode em chamas”.

Geertz (2009) ainda afirma que não há uma única forma de emoção carismática, pois elas variam de um caso para outro. Os bispos apresentam funções carismáticas que estão divididas entre outros elementos portadores especiais do *carisma*, passando, dessa forma, a imagem de uma figura dupla. A bispa Lúcia Rodvalho, por exemplo, é apresentada como mãe de três filhos e avó de dois netos, assim como o é o bispo (SARA NOSSA TERRA, 2010).

Também são nos ritos, formas cerimoniais e imagens que se processam nos centros da sociedade, que o indivíduo carismático se envolve, confirmando sua conexão com as coisas transcendentais ao demarcar um território com os sinais de dominação (GEERTZ, 2009, p. 187 - 188). Os bispos funcionam como uma espécie de imagem mediadora entre Deus e os fiéis, visto que é através daqueles que estes recebem curas, revelações divinas e orientações no momento de dúvidas ou angústias existenciais.

Destaco a figura da bispa nesta relação mediadora, chorando durante os cânticos, dirigindo acalorados sermões marcados pela emotividade e envolvendo o fiel, levando-o a se integrar e se envolver com a dimensão do sagrado. Este comportamento tem desdobramentos nos grupos locais, pois as bispas, pastoras, diaconisas e líderes locais apresentam características e performances semelhantes durante os rituais.

Na dinâmica das relações de poder visualizo a questão do gênero, que se manifesta através de mecanismos – perceptíveis ou não – que estabelecem posições assimétricas que produzem a dominação. A oposição *masculino* e *feminino* está inscrita em relações de poder e força, sejam materiais ou simbólicas. Scott (1990, p. 9) afirma que:

Na qualidade de constitutivo das relações sociais, o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder [...] Por conseguinte, é ubíquo, permeando as instâncias do simbólico, das normas de interpretação do significado dos diferentes símbolos, da política institucional e da política lato sensu e da identidade masculina ou feminina no nível da subjetividade.

Scott (1990) problematiza o conceito de *gênero*, desenvolvendo-o como uma categoria de análise, abrindo perspectivas que transcendem a visão de que o *gênero* se associa às questões relativas às “mulheres” ou ao antagonismo entre estas e os “homens”, indo além dos aspectos biológicos. A autora destaca ainda a categoria em questão como

uma construção sociocultural e que as relações sociais precisam ser entendidas não de forma universalizadora, contudo levando em consideração as especificidades e variabilidades históricas. O *gênero* para Scott (1990, p. 14) é o discurso construído em torno da diferença dos sexos e se refere aos:

[...] conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Estes conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino (SCOTT, 1990, p. 12).

A dimensão do gênero se movimenta em todos os instantes na *dominação carismática* dos bispos, que termina racionalizando-se. A figura da bispa está sempre relacionada à figura do bispo, seja nos rituais ou nas práticas cotidianas, o que vai ter seus desdobramentos em outras estruturas hierárquicas, quando a presença de um casal será condição precípua para galgar posições consideradas mais elevadas no grupo. Há diversos momentos em que o matrimônio é pré-requisito para ocupar posições, como “bispo”, “bispa”, “pastor” e “pastora”. Não há possibilidade de ascensão da mulher sem estar ao lado do homem em condição de um casamento. O discurso da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra promove a ideia de que tanto homens quanto mulheres têm as mesmas condições para ocupar qualquer posição na hierarquia de poder.

A produção de livros também impregna questões referentes às demarcações nítidas dentro das normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas do gênero. Ressalto que nenhum outro bispo / bispa ou pastor / pastora apresenta produção de livros, apenas os bispos presidentes. Um elemento que chama a atenção é quanto o caráter da discussão, bem como a quantidade produzida, tanto pelo bispo Robson Rodovalho<sup>vi</sup> quanto pela bispa Lúcia Rodovalho<sup>vii</sup>.

Observando o teor da discussão dos livros, a bispa se direciona às questões relacionadas à autoestima, família, paternidade, relacionamentos e emoções. As obras expressam uma associação cultural entre estes valores e às atribuições sociais designadas à feminilidade e à masculinidade, dentro de um modelo de relações polarizadas entre o masculino e o feminino, enquanto o bispo – com uma produção quantitativamente maior – aborda marcadamente questões referentes à bíblia e a vida do fiel em sociedade.

Desse modo, a configuração binária do gênero e a repetição constante dessa lógica, se expressam na construção de discursos pautados na dominação carismática – esta exercida pelo casal de bispos – e também na reprodução da crença religiosa, que se

encontra instrumentalizada em produções intelectuais de caráter científico-psicopedagógicas.

A posição privilegiada da bispa e de outras mulheres, não indica que estejam legitimadas a falar em todos os momentos enquanto porta-vozes autorizadas, visto que não participam do *Conselho de Bispos* e do *Conselho Diretor*, espaços de poder decisório e de instância considerada superior da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Nessa perspectiva, o bispo possui a palavra autorizada, apesar da bispa ocupar posição de poder em evidência. Mesmo em um âmbito local, o depoimento de uma fiel de São Luís revela<sup>viii</sup>:

Ela é uma líder, mas que ela é submissa a ele, né. A ele como esposa e como líder, que ele é o líder maior, ele é o cabeça, não só na casa dela, mas também na igreja que é outra casa que é a casa do Senhor. Então, eu vejo assim que ela sabe muito bem o espaço dela, o lugar dela que é independente dela ser líder, ele responde por ela, assim, não só por ela, mas também pelos outros líderes, mas também por ela. Ela é liderada por ele. Ela deixa isso muito claro, muitas vezes no púlpito, assim a submissão mesmo dela ao líder dela, que é o esposo né. Poderia ser outro líder um outro homem e não o esposo dela, mas ela deixa bem clara assim, independente dela ser esposo dela, ela deixa claro.

Há a presença da bispa nos espaços privilegiados de poder, porém não são todas as mulheres que os ocupam; possuem espaço aquelas que se profissionalizam e acabam monopolizando o campo<sup>ix</sup> (BOURDIEU, 2005). Quem são as bispas e pastoras da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra? São as esposas dos bispos e pastores, e que para serem legitimadas, apelam para o conhecimento espiritual e temporal. Dessa forma, há a necessidade dessas mulheres se profissionalizarem para que recebam o reconhecimento e também a legitimação dos demais agentes (os fiéis, os outros líderes masculinos, a igreja enquanto instituição e a sociedade).

Ao acompanhar e perceber – através da etnografia e uso de entrevistas junto aos fiéis – a plasticidade e o caráter dinâmico das práticas sociais e dos rituais que integram esse grupo neopentecostal, afirmo que o movimento de homens e mulheres propõe uma interpretação de um equilíbrio e nivelamento nas relações de poder. Nos rituais do grupo, a exemplo dos cultos semanais e os realizados aos sábados e domingos, as mulheres possuem uma forte presença na coordenação. Diversas falas apontam isso:

Ser mulher é maravilhoso. Não tem uma desigualdade para com o homem [...]<sup>x</sup>.

Tem algumas igrejas que a gente não vê, que a gente vê, tipo assim, o pastor e a pastora, são casados, os dois são pastores, mas tu só ver o pastor. A pastora, tu pode até ver sentada lá no banco acompanhando, mas no sentido de atuar, deregar, de orar, tem alguns casos que a gente

vê. Mas lá na Sara, graças a Deus não é assim não, pode ver, esposo, marido e esposa, os dois são pastores, os dois estão ali, no altar, orando, dando a Palavra, em pé de igualdade<sup>xi</sup>.

Porém, tanto nos rituais quanto nas falas dos entrevistados, percebo que a ordem das relações de gênero permanece, organizando e regendo a lógica de pensamento da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Há momentos que as demarcações de gênero emergem de maneira nítida. Os chamados *Culto especial para homens* e *Culto especial para mulheres*, realizados na terceira semana de cada mês, às segundas-feiras, são direcionados para homens e mulheres, quando assuntos específicos são discutidos para cada segmento, sendo que muitas vezes os trajes dos participantes são definidos pela cor, como por exemplo, homens trajados de azul e mulheres de lilás. Os convites são feitos separadamente, com cores definidas para cada segmento e representando simbolismos naturalizados de sentimentos ou emoções que são considerados como masculinos ou femininos. O ritual torna-se o momento em que se deseja que o interlocutor se comporte com a essência social que lhe é atribuída.

O caráter performático desses rituais não pode ser visto unicamente como um momento de reprodução de uma relação binária em que se articulam homens e mulheres em posições antagônicas. Muitas vezes, esta relação se dilui, redimensionando posições em que as mulheres negociam e articulam, agindo em nome do grupo, e falando “[...] sobre o grupo pela magia da palavra de ordem” (BOURDIEU, 1996, p.83). Penso que as relações entre homens e mulheres não podem ser pensadas a partir de uma separação delimitada entre homem dominador e mulher dominada. Na perspectiva foucaultiana sobre o *poder* (FOUCAULT, 1981), observa-se que não há uma unilateralidade, pois aquele opera intersticialmente em múltiplas direções.

A dicotomia dominador x dominado não explica as relações de gênero, logo é necessário ir além das relações aparentes. Há contextos de atenuação, avanços e recuos na balança de poder entre homens e mulheres, logo o olhar sobre a divisão das relações de gênero precisa ser relativizado. As relações e construções de gênero na Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, ora se apresentam dentro de uma estabilidade – que mantêm, produz e racionaliza o binarismo e a distinção entre sujeitos constituídos (homens e mulheres) – ora expressam intervenções e re-significações, desmontando o gênero do seu lugar. Neste último caso, percebo em vários momentos a posição da bispa Lúcia Rodvalho e das outras bispas e pastoras em assumir a “fala autorizada”, o “direito de falar e agir em nome do grupo, de se tomar pelo grupo” que encarna (BOURDIEU, 1996, p. 83)



– o que pode expressar uma espécie de *poder simbólico* (BOURDIEU, 2005), assim como a constituição de uma *dominação carismática*, e isto se dá de forma equivalente e, ao mesmo tempo, diferente, em relação ao bispo Robson Rodovalho e aos demais bispos. Sinalizo ainda que as mesmas atribuições são direcionadas aos envolvidos no trabalho religioso, como *bispos, bispas, pastores, pastoras, diáconos, diaconisas e líderes*.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *dominação carismática* e o *poder simbólico* exercido pelos bispos Robson Rodovalho e Lúcia Rodovalho produzirá desdobramentos nas relações de gênero. Destaco que tais relações não serão determinadas pelos bispos; também não afirmo que serão reflexo da relação do bispo com a bispa. A relação entre os bispos e a representação destes junto aos fiéis da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, expressam construtos reificados do binarismo assimétrico masculino/feminino, além da regulação e naturalização de um regime de poder que busca categorias constitutivas dentro de referenciais biológicos.

Nessa perspectiva, percebo a produção de *genderizações*, visto que o bispo e a bispa configuram o binarismo *masculino x feminino* como referências constantemente evocadas e ainda funcionam como estruturadores da percepção e organização no grupo. A *dominação carismática* e o *poder simbólico* destes bispos encenam a teatralidade do gênero, visto que expressam não somente relações de poder, mas também o modelo de conjugalidade, de família, maternidade e paternidade.

As relações estão baseadas no bojo de uma visão androcêntrica<sup>xii</sup> que é:

Continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação de *preconceito desfavorável* contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito. [...] a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólicas (BOURDIEU, 2007b, p. 44 e 45).

Entendo que as relações de gênero no grupo pesquisado podem ser explicadas a partir de um duplo e ambíguo movimento, que tensiona o poder a todo tempo: de um lado aquilo que Foucault (1981, p. 183) afirma que o poder é “algo que circula” ou “[...] como

algo que funciona em cadeia [...]” e “[...] nunca está localizado nas mãos de alguns [...]”, mas os indivíduos “[...] estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer esta ação [...]”, ou seja, o poder “[...] passa por eles”.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LIMA, Thiago Pereira. **Gênero e poder: um estudo sobre a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra**. São Luís, 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2010.

**SARA NOSSA TERRA**. 2010. Disponível em: <[www.saranossaterra.com.br](http://www.saranossaterra.com.br)>. Acesso em: 25 fev. 2010.

SCOTT, Joan. **Prefácio a gender and politics of history**. Cadernos Pagu, v. 3, p.11-27, 1994.

\_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade: mulher e Educação**, v. 15, n. 2, jul./dez., 1990.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 3. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

---

<sup>i</sup> Mestre em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Doutorando em Políticas Públicas pela mesma universidade.

<sup>ii</sup> Ver: LIMA, Thiago Pereira. Gênero e poder: um estudo sobre a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. São Luís, 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2010.

<sup>iii</sup> As *células* são grupos domésticos cuja finalidade é aproximar os fiéis entre si, ensinamentos bíblicos, divulgação de notícias e eventos relacionados ao cotidiano da igreja, além da solicitação de contribuições voluntárias. Esses espaços de socialização fazem parte da estratégia de recrutamento de mais fiéis e não são isoladas, mas ligadas às responsabilidades dos pastores, pastoras, bispo e bispa.

---

<sup>iv</sup> Uma das crenças basilares da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Segundo este princípio, maldições existem sobre a Terra, nações, famílias e indivíduos, e que precisam ser extirpadas para se viver com qualidade de vida. Robson Rodovalho é um dos principais precursores desta concepção, tendo diversos livros e artigos publicados. Entre eles estão: *Pode um Cristão entrar em maldição?* Brasília, DF: Sara Brasil; *Por trás das bênçãos e maldições*. Brasília, DF: Sara Brasil; *O Milagre aconteceu*. Brasília, DF: Sara Brasil, 2006; e *Quebrando as maldições hereditárias*. Brasília-DF: Sara Brasil, 2005.

<sup>v</sup> Princípio difundido na Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra sobre cura e saúde, tanto do ponto de vista médico, quanto psicológico. Nas quintas-feiras é realizado o *culto de cura interior* com estes propósitos.

<sup>vi</sup> Listo os livros produzidos pelo bispo Robson Rodovalho: *A Arte da Liderança*, *A beleza de Cristo e o caráter do cristão*, *A Oração de um Intercessor*, *A nova Ordem Mundial*, *Anatomia do milagre*, *Avivamento Hoje*, *Bíblia: verdade ou ficção?*, *Brasil, antes que seja tarde*, *Conhecendo a glória de Deus*, *Construindo sistemas que vencem*, *Construindo uma nação de vencedores (co-autor com a bispa)*, *Destruindo gigantes: quando os seus problemas irão acabar?*, *Deus ou Darwin?*, *Do princípio ao fim*, *Edificando a Casa de Deus*, *Ensina-nos a andar em seus caminhos*, *Formando líderes vencedores*, *Gotas de sabedoria*, *Igreja vencedora*, *Liderança de sucesso (co-autoria com a bispa)*, *Meditações*, *Menos trabalho, mais resultados*, *O bom samaritano*, *O caminho do sucesso*, *O elo perdido*, *O milagre aconteceu*, *O propósito de Deus e a família cristã*, *Olhos da alma*, *Pode um cristão entrar em maldição?*, *Por que será que você está sofrendo?*, *Por trás das bênçãos e maldições*, *Quebrando as maldições hereditárias*, *Regendo a história da nossa geração*, *Seguindo a inspiração de Deus*, *Senhor, ajuda-me a crer*, *Sociedade, política e a Igreja*, *Sonhos e destinos*, *Vencendo a obesidade (A dieta de um sábio / saúde total)*, *Vencendo conflitos*, *Você nasceu para reinar*, *Por que não somos católicos e Por que não somos espíritas*.

<sup>vii</sup> Listo os livros produzidos pela bispa Lúcia Rodovalho: *Ei, cadê você?*, *Liderança de Sucesso (co-autora com o “bispo”)*, *O Propósito de Deus para a família cristã*, *Paternidade: a busca de um filho*, *Poder, plenitude e prosperidade: você pode alcançar*, *Relacionamentos em crise*, *Vitória nos relacionamentos: você pode conseguir*, *As 12 virtudes do Espírito*, *As 7 leis espirituais para um novo começo*, *7 Pecados capitais*, *As 17 Qualidades de um Vencedor*, *Construindo uma nação de vencedores (co-autora com o bispo)* e *As 7 Leis espirituais para seu crescimento espiritual*.

<sup>viii</sup> Depoimentos coletados durante trabalho de campo na Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra em São Luís-MA. Para o artigo utilizei as falas de três sujeitos de pesquisa: uma fiel, uma diaconisa e um diácono.

<sup>ix</sup> Bourdieu (2005) em sua discussão sobre a teoria do campo político, afirma que a política acaba sendo monopolizada nas mãos de agentes que se profissionalizam. Na concepção do teórico, saber fazer política é cada vez menos uma arte. Nessa perspectiva, isso acontece não só na política, mas se estende às outras dimensões da sociedade, como a religião.

<sup>x</sup> Depoimento da diaconisa Mônica (nome fictício).

<sup>xi</sup> Depoimento do diácono Carlos (nome fictício).

<sup>xii</sup> Segundo Bourdieu (2007b), são formas de “esquemas inconscientes de percepção e apreciação, as estruturas históricas de ordem masculina” que são incorporadas nas relações sociais.